

# FADINHA

(CONCLUSAO)

O moço foi bem recebido por D. Firmina, não porque despertasse no coração desta senhora nenhuma nuga de gratidão, mas porque ia auxiliar a no penoso trabalho de assistir a enferma.

E, realmente, nunca houve enfermeiro tão dedicado nem tão vigilante.

A molesta conservou durante muitos dias—dias angustiosos e terríveis—um caracter de excessiva gravidade; durante longo tempo, Fadinha, que estava com todo o corpo cruelmente invadido pela medonha erupção, teve a existência por um fio.

O velho medico desamunhara completamente, e era por habito, só por habito que repetia o fatigado estribilho: «Não e nada... não ha de ser nada...»

Entretanto, os cuidados da sciencia e a sciencia dos cuidados triumpharam do mal, e Fadinha ficou boa, completamente boa, depois de estar suspensa entre a vida e a morte.

Ficou boa, mas desfigurada. A moça mais bonita do Rio de Janeiro transformara-se n'um monstro. Aquelle rosto entumecido e esburacado não conservava nada, absolutamente nada da belleza celebre de outr'ora.

Ella, que tinha, aliás, o direito de ser vaidosa, consolou-se, vendo que o amor do Remigio, longe de enfraquecer, crescerá, fortalecido pelo espectáculo do seu martyrio.

A mãe, comquanto insensível aos bons sentimentos, não pôde disfarçar a admiração e o prazer que o moço lhe causou no dia em que lhe pediu a filha em casamento, dizendo:

— Só havia um obstáculo á nossa felicidade era a formosura de Fadinha. Agora, que esse obstáculo desapareceu, espero que a sua, não se opponha a um casamento que era o desejo do seu marido.

Realizou-se o casamento. D. Firmina, desprovida sempre de todo o senso moral, entendeu que devia ser aproveitada o rico enxoval oferecido pelo primeiro noivo; Remigio, porém, teve o cuidado de fazer com que o restituisse ao barão de Moreira.

A cerimonia effectuou-se, com toda a simplicidade, na matriz do Engenho-Novo.

Um anno depois do casamento, Fadinha estava outra vez bonita, não da boniteza irradiante e espectacular de outr'ora, mas, enfim, com um semblante agradável, o quanto basta para regalar dos olhos enamorados do esposo. Remigio a todo o momento dizia que a achava mais bella assim, e que os signaes das hezugas lhe davam até certa graça, que d'antes lhe faltava.

Minha mulher não e bella que me inquiete nem feia que me repugne. E que o fosse! — quem o feio ama, bonito lhe parece. Era assim que eu a desejava.

O caso é que foram ambos muito felizes. Ainda vivem. Remigio é actualmente um alto funcionario, pai de cinco filhos perfeitamente educados.

O Alexandre, que teve sempre a protecção do cunhado, foi ao Amazonas procurar fortuna e lá ficou. O talento da

família formou-se e urrasta melancolicamente por esse ruins a sua medioeridade e o seu pergaminho. O outro filho de D. Firmina ainda hoje é caixeiro.

A velha falleceu ha 15 annos, sem deixar saudades a ninguém, e se os leitores têm curiosidade em saber do paradeiro dos demais figurantes desta verdadeira historia, acrescentarei que o barão de Moreira também morreu, solteiro, sem ter aproveitado o enxoval que mandou buscar para Fadinha, e que o Pimenta, depois de ter adquirido, no famoso Encilhamento, uma riqueza que os amigos calculavam em milhares de contos de réis, perdeu tudo e fez-se outra vez bohemio, vivendo, como d'antes, de expedientes. Esta velha e deu para beber.

A. A.

## VERSÃO

(Julio Valdeomar)

Das minhas horas tranquillas  
Consiste o supremo gozo  
Renovar o céo formoso  
das tuas negras pupilas.

Nada me pôde causar  
Tão grande ventura, flor,  
Como o tepido calor  
Que me vem do teu olhar.

Minas—Maio—1901.

BELMIRO DEAGUA.

## NINON DE LENCLÓS

escuraria da ruga, que jamais ousou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos conservando-se jovem e q'ella, atirando sempre os pedregos da sua certidão de baptismo que riscava á carão Tempo, cuja foibe embotava-se sobre sua oncentuladora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verdeiramente vin-se obrigado a dizer o velho rubingento, como a raposa de Lafontaine diziu das avas. Este segredo, que a celebre egoista fazeira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas daquelle época, descobriu-o o Dr. Leonide entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des Angles*, de Bussey-Falatin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LAFONTRE, Rue du 4-Septembre, 17A Paris.**

Esta casa tem-na á disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

### DUVET DE NINON

pó de arroz especiál e refrigerante;

### Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

### LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

### LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

### SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

### LA PATE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir o verficar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittações e falsificações

## PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

### MÃO DE PAPA

de duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrói as frieiras e as rachas.

### UM NARIZ PICADO

de pequenas borbulhas ou com travos torna a recuperar sua brançura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e muito contrafeito.  
CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
*Para ser bella, encantar todos, e não leve-se servir da Fleur de Pêche pó de arroz feito com fructos exóticos.*

### POUCOS CABELLOS

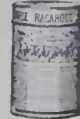
Fazem-se crescer e cernidos empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins da Mont-Majella**, que também impede que caíam e que ficam brancos.  
E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

### NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados e os dentes estragados com o **Elisir dentifrice des Benedictins da Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.

## Racahout DELANGRENIER



### Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

### Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 à 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBÉM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira

DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

## L.T. PIVER

PARIS

### Corylopsis do Japão

Evitar as Imitações e Falsificações

### Le Tréfle Incarnat

Perfume do Moita

### Rosiris

### Senteur des Prairies

### Violettes de Parme

### Dentifricios Mao-Tcha

PÓ, PASTA & ELIXIR

## CALLIFLORE

FLOR DE BELLEZA

Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós committam ao rosto uma macarvilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe converha ao rosto.

## PATE AGNEL

Amygdalina e Glicerina

Este excellente Cosmético branquea e amacia a pelle, preserva-a do Cleiro. Irritações e Comichões tornando-a apelludada; pelo que respecta as mãos, dá salde e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, 16, Avenue de l'Opéra, Paris.

Em suas seis lojas de venda por muito mais baratos, mais ricos do Paris

## HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

### AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.  
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violette Ideale, Royal Houbigant, Penn d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Imperial, Moika, Muguet, Clail Rose, Imperial Russe, Lilas blanc, Heliotrope blanc, Fougere Royale, Gloxina, Jasmin d'Espagne, Cam de Russie, Giroflée, Corydalis, Bouton d'Or, Sunrise, Rucova.

SABONETES: Ophelia, Penn d'Espagne, Violette ideale, Fougere Royale, Lait de Thridaer, Royal Houbigant.

PÓS OPHELIA, Talisman de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.

PÓS ROYAL HOUBIGANT.

### PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI



Crepusculo.

## Secção Musical da

## A ESTAÇÃO

Conforme avisamos aos nossos prezados assinantes e leitores na *A Estação* de 31 de Maio proximo passado, temos o prazer de offercer-lhes com o presente numero a bonita polka, para piano **Nonora**; esperamos que á todos agradará.

A REDACÇÃO.



## HENRIQUE LOMBAERTS

No dia 9 do corrente completaram-se 4 annos que desapareceu, ferido pela morte, o grande amigo, o saudoso chefe, cujo nome serve de epigraphe a estas linhas, e figura ainda na tableta desia casa como um labaro de estímulo e de honra.

Cada anno que corre sobre tão doloroso luto, longe de apagar, avigora e fortalece em nossos corações a memoria sagrada do fundador da *Estação*, em cujo exemplo procuramos ainda hoje a norma que nos conduz na ardua tarefa de conservar e accrescentar a sua obra.

HENRIQUE LOMBAERTS é um nome que vale uma divisa.

A. LAVIGNASSE FILHO &amp; C

15 de Junho de 1901.



## Recordações

A MINHA TERRA

Minha terra é alem, banha se ufana nas aguas do Uruguay.

Vogae, vogae p'ra o sul, passae alem do Prata, subi as azuladas e serenas aguas do famoso Uruguay, e lá en-

contrareis a sentinella avançada da defeza patria: a bella Uruguayana!

Pedaço da legendaria terra dos Farrapos, ella representa a praça de guerra da vanguarda daquelle torrão querido, vigiando sempre no mesmo tempo as duas republicas do Prata: Uruguay e Argentina!

Situada poeticamente sobre uma verdejante collina, ella assenta graciosa á beira das tranquillas aguas que deslisando manso e brando, vão beijar-lhe a praia.

Lá o horizonte é sempre vasto, dilata-se, té onde a vista alcança!

Suas noites de luar têm meigo encanto: serenas e praleadas, trazem á alma um bem estar estranho, contemplativo, que arrebata!

A cidade formada quasi que em quadrado, apresenta as suas hndas e largas ruas parallelas desafogadamente aos caminhantes.

Pois lá naquelle recanto do Rio Grande foi meu berço nativo que agora estou-o revendo com saudade, com os olhos da imaginação que nem distancia nem tempo os cegar podem!

---

O' terra do meu berço, d'aqui d'estas paragens tão longiquas ouve minhas vozes que te leva o vento; ouve e as escuta attentamente, são brados de nostalgicos queixumes dispersos pelo ar, feitos saudades!

J. JACOB.

Rio, 27 5-1901.



## A flor azul

A flor azul pendia murcha: e agora

Eil-a outra vez erguida

Na haste, a sorrir, cheirosa e fresca e bella.

Que nume, com o aroma e a cor, a vida

Lhe deu, de novo? A aurora?

A brisa? O orvalho? A luz?

— Não! Foi aquella

Pallida nympha, cujo olhar choroso

Na flor pousara, ha pouco;— da saphira

D'esse olhar, na do calice oloroso,

Uma lagrima tremula cahira. .

R. CORREIA

## DUAS EPOCHAS

---

Amava-a muito, e a perfida sorria  
Zombando desse amor immaculado,  
Que n'alma do poeta enamorado  
Era um conforto á sua dôr sombria.

Com a lamina pungente da ironia,  
Ou cuspidno um ultraje meditado,  
Lhe torturava o coração, erivado  
De myriades de setas de agonia.

Porém o tempo passa. Morre o amor  
Do poeta; aquelle affecto puro, ardente,  
Cresta-se ao sol mortifero da dor.

No entanto ella mudou. Ama-o agora  
Mas elle desse amor zomba contente,  
Emquanto triste - ella soluça e chora.

(Das «Libellulas»)

OSCAR D'ALVA.



## Conservação do peixe

Na Hollanda e na Allemanha empregam-se, para conservar o peixe as precauções seguintes: Sangra-se o peixe logo depois de o pescar. Corta-se-lhe a arteria que conduz o sangue as guelras, arrancam se-lhe estas e depois lava-se e raspa-se-lhe muito bem a pelle para lhe tirar todo o humor viscoso que a cobre. Está demonstrado que o sangue e este humor são os dous principaes agentes que determinam a corrupção da carne do peixe. Assim tratado o peixe ficará com uma carne branca e saborosa que se conserva duas vezes mais tempo que a dos peixes que não hajam, sido sangrados e lavados. É a esta preparação que os arenques de Empdem devem a reputação de que gosam entre os gastronomos. Com estas precauções pode-se conservar o peixe em bom estado durante muitos dias. Mas sendo calido o clima no norte, do Brazil, os resultados só serão proveitosos nos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul.



Familia de cães rasteiros.



## A CASACA

—

Abriu S. Carlos e, desde que aconteceu isso, toda a gente se julga mais elegante.

Que, a bem dizer, a elegancia não é outra coisa senão um signo de vaidade individual.

Tal julga se bello, gentil, distincto.

Vão lá dizer-lhe o que os outros pensam a seu respeito que parece um carrapato a andar!

Não os acreditará.

Aquell'outro tem a illusão de que, não sendo bonito, é sympathico e que, principalmente, ninguem o poderá exceder jamais em dizer ás damas coisas galantes.

Chamem-lhe tolo, porque é de nascença, e verão que reponta.

Alguma dama presume-se o *non plus ultra* da bellesa—sobretudo depois de pintada.

Seus labios de coral, suas faces leite e rosa, seus negros supercilios, seus braços de jaspe chegam deante do espelho, a dar-lhe a impressão de serem realmente verdadeiros.

Toda a gente es engulirá, julga ella.

Entra em S. Carlos, espalha o aroma de suas finas tintas, deixa cair sobre a platéa um olhar altivo de Cambourgnac victorioso, e logo toda a gente começa a pensar que aquella linda dama acaba de chegar do interior.

Outra, de certo, deverá existir, reconhece ter o segredo de saber conversar nos intervallos. Enfia missangas de espirito, alimenta o dialogo, e cultiva o *chat*.

Devem passar-se na sua presença uns momentos deliciosos.

Mas, á sahida do camarote, veem dizendo os que lá posaram em visita. Está cada vez mais secante!

Ha um codigo de civilidade; não o ha nem pôde haver, de elegancia.

E, á falta de principios e preceitos que regulam a materia, cada qual vae phantasiando ser elegante a seu modo.

Não se aprende, não se estuda, não se chega a ser distincto por tirocinio—como na vida militar.

Se se não nasceu fadado para o ser, attinge-se o ridiculo da caricatura. Ser ou não ser: eis a questão. O Manoel Brown, de sobrecasaca preta e calças á hussard, mettia n'um chinello todas as casacas do seu tempo.

Que, diga se a verdade, as casacas estão sendo nos espectaculos uma convenção para disfarçar a carencia de distincção pessoal.

Os grandes *dilettanti* de S. Carlos, que deixaram lenda, jamais vestiram casaca para ir ao theatro: nem o Marquez de Niza, nem o Vaz de Carvalho, nem os outros de igual cotação.

Piavam de si mesmos, do seu bom ar, do seu aprumo correcto, para se imporem aos espectadores e aos artistas.

Agora, cada um que deseja ser elegante—pelo menos parecer-o—carrega a mão nos trunfos: casaca, monoculo, flor.

E ahí vae elle, ahí entra elle, ahí olha elle parecendo dizer *urbi et orbi*: «Sou um homem distincto».

Pois fizeram-se com menos fogo, e assentaram vasa os *leites* d'outro tempo.

A casaca era então a ultima palavra da solemnidade na vida social. Para chegar á presença de Deus, na mesa da communhão, no lausperenne das Endoçças e na viagem da eternidade, era indispensavel vestil a.

Reservava-se para as quatro festas do anno e para o primeiro passeio, *jos mortos*, pelos Campos Elyseos.

Os actores viam-na a pouco e não sabiam, por isso, copiar as.

Só um, dos grandes que tivemos, a soube vestil por instincto: era o Tasso.

A rainha D. Maria II achava-o tão distincto, talvez por isso mesmo, que costumava dizer quando se fallava de actores portuguezes:

— Como o meu Tasso não ha outro.

Está ainda vivo o bom velho que tantas vezes me tem repetido isto.

Vinham actores estrangeiros, amados em celebridades, e sua magestade a rainha voltava do theatro sem grandes entusiasmos.

— Então, minha senhora, vossa magestade gostou?

— Não desbanca o meu Tasso, respondia a rainha.

Em reu a Sra. D. Maria II nesta fé de rainha portugueza: que não havia actor mais distincto, em parte alguma, do que o seu o nosso Tasso.

Nem houve,

Estou a vel o, distincto de casaca ou sem ella, indifferentemente, porque era sempre distincto.

Sua *loiselle* habitual era de preto, sobrecasaca e calça mais estreita do que larga, chapéo alto muito lustroso, bota de polimento, *falelot* alvadio, luva cor de garrafa.

Perguntava-se na rua, ao vel o: «Quem é este bomem.»

Uma vez, sendo eu estudante, foi ao Porto a companhia do Theatro Normal, que era nesse tempo um viveiro de celebridades, masculinas e femininas.

Havia o Tasso, o Santos Pitorra, o Rosa pai, o Sargedas, o Theodorico, a Manueli Rei, a Emilia Adelaide e não sei quem mais.

— Mas não era preciso mais ninguem.

O publico do Porto, pouco habituado a theatro de declamação, ficou como estonteado, no primeiro momento, deante da sobriedade artistica do Tasso.

Não o comprehendeu, nem gostou muito.

No *journal do Porto*, onde eu fiz as minhas primeiras armas jornalisticas, atiraram-me, talvez para experimntar-me, á ardua tarefa de escrever uma noticia sobre a estrêa da companhia.

Vim doido de entusiasmo pelo Tasso e pelo Santos, que depois foram meus amigos emquanto viveram.

Disse no jornal, com aquella exuberancia de estylo com que os novos costumam dizer tudo.

Mas fiquei dolorosamente sorprendido ao vêr que todos os outros jornaes punham restricções ao seu applauso ao Tasso.

Hoje ficaria contente.

Uma vez disse me Camillo:

— Eu d'antes, quando não entendi o que estava lendo, julgava que o tolo era eu.

— E agora? perguntei.

— Agora julgo que o tolo é o que escreveu.

Adoptei este principio, e tenho-me dado bem com elle: ainda não me falhou.

Agora tambem eu ficaria capacitado de ser o unico que desde logo dissera toda a verdade a respeito do Tasso.

Mas n'aquelle tempo não me aconteceu isso.

Por volta das duas horas da tarde do dia seguinte estava o dono do jornal, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, bom burguez da rua dos Caldeiros, sentado á banca da redacção. Eu trabalhava a seu lado, abafando no desgosto de ter errado a respeito do Tasso.

Ouviram-se ranger umas botas na escada. D'ali a nada assomou á porta um homem alto, desempenado, de *falelot* alvadio.

Cruz Coutinho, que não era bomem de theatros, não o conheceu.

Ficou perplexo, sem saber se estava fallando a um principe ou a um actor.

— Venho aqui, disse Tasso, agradecer as palavras amaveis que este jrnal me dirigiu hoje, tanto mais que nem todos os jornaes do Porto me trataram com igual benevolencia. Desejaria poder apertar a mão ao auctor da noticia.

Cruz Coutinho, mais reposto da primeira surpresa indicou-me dizendo:

— Aqui está o auctor da noticia.

Tasso sacudi a cabeça, afirmou o olhar, estendeu-me a mão sem alizez nem baixosa e exclamou:

— Não esperava encontrar uma criança. Dou-me bem com os moços.

E, suspendendo-se, por ter certamente fei maior

reparo nos cabellos brancos de Cruz Coutinho, accrescentou gentilmente: ... Quando elles trabalham ao lado dos vellos.

O que é certo é que o Tasso, como elle me contou mais tarde, tinha passado um dia muito aborrecido por causa das criticas dos jornaes.

Era sensibilissimo ás durezas de qualquer noticia a seu respeito.

Corria os botequins, pegava no jornal que o maltratava, disfarçadamente o mettia na algebeira, dizendo com os seus botões, n'um monologo muito intimo:

— E' menos um.

Pois o Tasso, apezar de se chamar Joaquim José—que é tudo o que ha de mais pitto em nomes—foi um grande actor, tão completo—que até sabia vestil uma casaca.

Hoje toda a gente presume saber vestil-a e deitar a elegancia, que cada um julga ter, nas noites de S. Carlos.

Na manhã seguinte lá vão correndo para o emprego, para a repartição ou para o escriptorio, sem que da casaca da vespera fique a menor recordação—para elles ou para os outros.

S. Carlos: um inverno de casaca; mais nada.

Nem os grandes cantores, nem os grandes *leões*, nem os grandes *partidos* d'outros tempos.

A casaca, apenas. E é tão pouco! Se até a vestem os criados por convenção...

ALBERTO PIMENTEL.

## DOLOROSA

Eil-os que ahí vem vagorosamente pela tortuosa estrada que alveja aos poucos, pela montanha fora. Rostos curiosos espreitam pelas portas e pelas janelas dos cascos, todos com um ar de festa.

São já conhecidos na aldeia—elle é um pobre cégo, ella uma mulher ainda na flor da idade. Como n'á mais annos, quando o interno chega, elle traz um lenço atado na cabeça sob um velbo e remendado chapéo. A sua capta—a individavel companheira d'aquelle velhice infeliz, ainda é a mesma e vem toda branquinha como neve que vem cahindo ha dias; ella, o facto dos mais annos remendado e limpo...

✱

Aquelles dois artistas vem chorando nos seus instrumentos o maior grito de dor, o maior rosario de lagrimas que o bom povo portuguez tem inventado—o Fado.

Que dulcissima musica aquella!... Umaz vezes, corre serena e mansa, com uma ingenua loz rezada em tardes de maio; outras como desmoronar de um castello de illusoes, musica que entra na alma e fica como as reminiscencias de uma peregrina ballada que se ouviu quando n'ella tudo eram rosas a florir sob o luar doce e nostalgico de um sonho encantado...

Põe-me lagrimas nos olhos essa musica, e é com sentida magua que lembro que este heroico povo, que escreveu os *Lusiadas* declina no tumulo chorando seu Fado.

Triste destino este!

✱

O par vem andando, estrada abaixo. Todas as portas risanhamente se lhe abrem neste maguado dia, que vagamente, nos traz a lembrança dessas tardes hilandezas com o seu sol pallido a illuminar os melancholicos lagos, emquanto, nas collinas, os rebanos pastam e as pastoras—ingenuas como uma sonata desse doce scandinavo Griég—cantam em ternecedoras canções de amor...

Todas as portas que se lhe abrem num terno beijo de luz e o pobre velho ea paga faz com que a sua rabeca lhes diga quanta a infelicidade de um pae e de uma filha, que, como ellas num tempo que já vae longe e naquelle dia, num lar, feliz como poucos se reuniam a lazeira á lembrar uma meiga eriança a que, tradicionalmente davam o doce nome de Jesus.

✱

Param á minha porta. Aquelles dois entes attrahem-me. Ha muito ja num velbo e pergaminho *Elis Sacerdotum*, li que «infelizes com infelizes», e assim é. E quedo-me a ouvir toda aquella tocante epopeia de lagrimas que o infeliz velho faz chorar á sua rabeca. O arco mança-o elle febrilmente, nervosamente... Nas orbitas dos olhos fazem apagaos. De tempos a tempos estremeem, e lagrimas attentuosas sulcam aquella veneranda face estigma tassada pela desventura.

Choro com o pobre velbo e pergunto-lhe a intima causa d'aquellas lagrimas e, enquanto a sua companheira foi buscar a cachaça que do outro lado da estrada lhe davam, contou-me elle que, num outro tempo tambem tivera um lar feliz e que naquelle santo dia ninguem passara pela sua porta que não

